

DOS GÊNEROS DE TEXTO À GRAMÁTICA*

(From text genres to grammar)

Maria Antónia COUTINHO

(Universidade Nova de Lisboa – FCSH, CLUNL)

Abstract: *This paper aims at developing the hypothesis that the relationship between grammar and text should not be reduced to a matter of mere application. In this sense, grammatical phenomena, previously described, would be simply reconsidered at textual level, as the higher level of linguistic analysis. Although this process remains probably necessary, a different point of view must be simultaneously developed. Arguing for a concept of text as a communicative action necessarily embedded in a context of a specific social activity, the point will be to understand what texts can reveal about grammar. More precisely, we will be dealing with a grammatical representation of language (as it is described by grammarians and linguists) and the way the language appears in texts, according to communicative social requests.*

Key-words: *text; genre; ellipsis; grammar; dialogism; social context.*

Resumo: *A hipótese central que a presente proposta se propõe desenvolver é a de que as relações entre gramática e texto não se podem resumir a uma mera aplicabilidade de fenómenos gramaticais previamente descritos, a serem revistos no nível de análise superior à frase que seria o texto. Embora este processo permaneça necessário, pode-se desenvolver simultaneamente um outro tipo de abordagem – assumindo os textos como formas comunicativas globais, associadas a atividades sociais e dependentes de normas de género. A questão que se coloca, neste caso, é a de saber o que revelam os textos sobre a gramática. Procuraremos assim, neste trabalho, a propósito de um exemplo concreto, confrontar duas representações de linguagem: a descrita por linguistas e gramáticos, e a que se dá a ver no texto, em função de requisitos comunicativos específicos.*

Palavras-chave: *texto, género, gramática, contexto social.*

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada oralmente na I Conferência Internacional Gramática & Texto (GRATO), realizada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Setembro de 2009. A versão atual beneficia da interação com colegas – nomeadamente Cristian Bota, Ecaterina Bulea e Maria Lobo, a quem agradeço a disponibilidade. Qualquer problema que o texto possa oferecer será, naturalmente, da minha inteira responsabilidade.

1. INTRODUÇÃO

A presente contribuição desenvolve-se a partir de uma hipótese central: a de que as relações entre *gramática* e *texto* não se possam resumir a uma mera aplicabilidade de fenómenos gramaticais previamente descritos, a serem revistos no nível de análise superior à frase que seria o texto, exigindo, pelo contrário, que se tomem em consideração fatores de ordem especificamente textual – suscetíveis de condicionarem o dinamismo e a plasticidade da língua em funcionamento.

O trabalho desenvolve-se em torno de dois textos – sendo a questão metodológica retomada e justificada ao longo da exposição. Importa para já sublinhar, no entanto, que o ponto de vista assumido é, em primeiro lugar, aquele que decorre da posição de analista, a partir da qual serão colocadas hipóteses, quando necessário, relativamente às condições de produção e de interpretação dos textos em análise. Por outro lado, deliberadamente, a noção de *gramática* não será discutida no início do texto – admitindo-se que a análise e a reflexão a desenvolver permitirão evidenciar a (eventual) disparidade entre a gramática, enquanto representação fixada pela descrição linguística, e as possibilidades de uso da língua que o conhecimento, a experiência e as necessidades linguísticas dos falantes/escreventes autorizam.

Do ponto de vista teórico, e para além de referências fundamentais, no panorama atual dos estudos linguísticos, sobretudo francófonos, sobre os textos e os discursos (Adam 1997; Bronckart 1997; Rastier 2001), o trabalho assentará, em larga medida, na releitura do contributo fundador de Voloshinov (esclarecida que se pode considerar hoje a suposta autoria de Bakhtine¹).

2. PERCURSOS POSSÍVEIS

O percurso dos estudos linguísticos – ou, pelo menos, o percurso que tem sido predominantemente reconhecido ou validado – privilegiou a descrição da gramática (ou da língua) e, quando dedicou atenção aos textos, manteve preferencialmente essa mesma ordem sequencial (da gramática ao texto). Não nos alongaremos, de momento, a comentar o silenciamento de toda a problemática textual (e/ou discursiva) que veicularam os editores

1. Veja-se Bota & Bronckart 2008.

do *Cours de Linguistique Générale* – atitude emblematicamente concentrada na fórmula de encerramento da obra, reconhecida no entanto como alheia ao próprio autor já desde o último quartel do século passado². No que diz respeito ao trabalho de orientação generativista, é sabido que o movimento de alargamento ao texto, no quadro dos projetos generativistas de gramáticas de texto, foi suscitado pelo reconhecimento de problemas de natureza gramatical que se apresentavam como insolúveis no domínio estrito da frase (como questões de pronominalização, por exemplo). Ainda que a hipótese forte das gramáticas de texto se tenha apagado, é o exceder a estrutura da frase (seja ela complexa), no âmbito, nomeadamente de pares pergunta-resposta, que continua a convocar o recurso à noção de discurso, no quadro generativista.

A esta abordagem estritamente gramatical dos textos podem contrapor-se estudos já clássicos – como é o caso de Halliday & Hasan 1976, Beaugrande 1980 e Beaugrande & Dressler 1981 – que tendem a articular a descrição de mecanismos gramaticais com função textual, nomeadamente os mecanismos de coesão, a outros itens de organização textual. Sendo embora diferentes entre si, as abordagens referidas partilham o mesmo tipo de procedimento³: trata-se de fazer uso de descrições gramaticais disponíveis (ou disponibilizadas pelo trabalho de linguistas) de forma a dar conta da organização dos textos, enquanto unidades superiores à frase. Por outras palavras: mesmo quando se preconiza uma conceção situada e comunicativa do texto (vejam-se nomeadamente as sete propriedades da textualidade apontadas em Beaugrande 1980), ela não parece ter consequências quando se trata de descrever a materialidade linguística. Exemplar, deste ponto de vista, é o capítulo 5 da *Gramática da Língua Portuguesa*, na sua última edição (Duarte 2003: 91-109)⁴. Situando-se na esteira de Beaugrande 1980, as duas páginas iniciais apresentam de forma sintética as propriedades da *textualidade*, a saber: *aceitabilidade*, *situacionalidade*, *intertextualidade*, *informatividade* e *conectividade*, subdividindo-se a última em *conectividade sequencial*, ou *coesão*, e *conectividade conceptual*, ou *coerência*⁵; as primeiras quatro propriedades

2. Cf. a edição crítica do *Cours de Linguistique Générale*, preparada por Túlio de Mauro.

3. Este breve comentário não dá conta, naturalmente, dos desenvolvimentos posteriores no âmbito da Linguística Sistémico-Funcional.

4. É de sublinhar, de resto, que esta obra tenha incluído, desde a sua primeira edição, em 1983, um capítulo sobre questões de organização textual.

5. Note-se a ausência da noção de *aceitabilidade*, incluída nas propriedades (“standards”) de textualidade, de acordo com Beaugrande, 1980.

não voltam a ser retomadas ao longo do capítulo – cujo desenvolvimento se centra quase exclusivamente na descrição da coesão textual, a que são dedicadas cerca de 26 páginas (das quais 18 tratam da coesão interfrásica e 7 de outros tipos de coesão), contra cerca de 3 páginas para a coerência e 5 para a estrutura temática e informacional.

É ainda, também, na perspectiva de uma composicionalidade ascendente (por oposição às determinações descendentes, de ordem discursiva) que Jean-Michel Adam (1999: 36) descreve a organização textual: proposições enunciadas que formam sequências (tipificadas) ou períodos (pouco ou nada tipificados) que, por sua vez, formam o texto (1999: 36); ou, de acordo com uma versão mais recente, palavras-signos que formam proposições enunciadas, que formam frases e/ou versos, que formam períodos e/ou sequências, que formam parágrafos ou estrofes, que formam partes de um plano de texto (Adam 2008: 64)⁶.

Por oposição ao percurso que acabamos de ver em diferentes abordagens, a hipótese que assumimos, neste trabalho, é a de uma abordagem descendente – enraizada no paradigma epistemológico interacionista social (Voloshinov [1929]1977; Bronckart 1997) e largamente inspirada da forma como Rastier coloca essa mesma problemática (Rastier 1996: 11, destaque meu):

Cependant, malgré l'autorité de la tradition grammaticale, tout engage la linguistique à prendre les textes pour objet: elle [la linguistique] affronte alors des problèmes d'une autre échelle, en vraie grandeur pourrait-on dire. Elle n'abandonne pas pour autant le palier de la phrase, mais se prépare à y faire retour d'une façon nouvelle, dans la mesure où le global détermine le local. *On ne peut réduire un texte à une suite de phrases, mais une phrase reçoit évidemment du texte où elle figure des déterminations inoubliables, jusque sur sa syntaxe, voire sa phonétique.*⁷

6. Essa noção de composicionalidade ascendente não impede o autor de salientar que os textos são ocorrências comunicativas e não meras construções gramaticais e, nessa mesma medida, criticar frontalmente o ponto de vista de Moeschler & Reboul (1998), que recusa pertinência científica às noções de *texto* e de *discurso* (Adam 2008: 58).

7. “No entanto, apesar da autoridade da tradição gramatical, tudo leva a linguística a tomar os textos como objeto: ela enfrenta nessa caso problemas a uma outra escala, na sua verdadeira grandeza, poder-se-ia dizer. Ela nem por isso abandona o patamar da frase mas prepara-se para voltar a ele de uma forma nova, na medida em que o global determina o local. Não se pode reduzir um texto a uma sucessão de frases, mas uma frase recebe evidentemente do texto em que figura determinações notórias, sobre a sua sintaxe e mesmo sobre a sua fonética.” (Rastier 1996: 11, tradução livre do original em francês).

A abordagem descendente assumida no quadro do interacionismo social encontra nesta passagem de Rastier uma formulação tão precisa quanto estimulante, numa perspectiva de análise. Trata-se, com efeito, de tomar em consideração, em primeiro lugar, a atividade social em que o texto surge – bem como o género de texto selecionado, de entre os géneros em uso nessa mesma atividade; a compreensão das finalidades associadas à atividade em causa e o reconhecimento das características próprias do género em uso condicionarão, em última análise, muitas das escolhas linguísticas (realizadas de forma mais ou menos consciente e explícita). A exemplificação deste tipo de abordagem ocupará as secções que se seguem.

3. UM EXEMPLO DA ATIVIDADE DE HOTELARIA

O exemplo reproduzido na Figura 1 corresponde a uma ‘tira limpapapatos’ – recuperado numa casa de banho de um hotel em Portugal. A designação – que não apareceu como evidente, num primeiro momento – foi retida, em primeiro lugar, por semelhança com material idêntico, no Brasil, que ostenta uma inscrição autorreferencial (‘tira lustra-sapatos’) e, em segundo lugar, por confirmação de uso, através de pesquisa na internet sobre distribuidores portugueses de material de hotelaria.



Figura 1: Tira limpa sapatos

Se a integração da tira limpa-sapatos na atividade hoteleira não levanta problemas, já talvez o mesmo se não possa dizer relativamente ao facto de ser aqui tratada como *texto*. É um objeto, dir-se-á. Efetivamente, trata-se de um objeto, feito para se usar e se deitar fora. Mas também é verdade que é um objeto com produção linguística, que não saberemos designar de outra forma que não seja *texto* – tomando como referência, de forma obviamente tendenciosa relativamente a outras possíveis definições, a formulação sintética proposta por Rastier: “(...) *un texte est une suite linguistique attestée, produite dans une pratique sociale déterminée, et fixée par un support quelconque.*” (Rastier 2001: 21, itálico no original)⁸. Se a oposição oral/escrito deve hoje ser ultrapassada pela noção de suporte, como também sublinha o mesmo autor, convirá inversamente admitir que a diversidade de suportes ultrapassa em larga medida as representações mais previsíveis, ou mais convencionais, como o papel e o suporte eletrónico – no que diz respeito à modalidade de circulação escrita, que interessa aqui em particular⁹. Assim, no caso em análise, o suporte é a tira (de material específico, adequado à função do objeto). Poderemos dizer que a tira limpa-sapatos ilustra uma das possibilidades extremas da relação texto-suporte, lapidarmente apontada por Maingueneau: “Ce qu’on appelle un « texte » ce n’est donc pas un contenu qui se fixerait sur tel ou tel support, il ne fait qu’un avec son mode d’existence matériel : mode de support/transport et de stockage, qui implique une certaine détermination de son inscription ou de non inscription dans une mémoire” (2002: 50)¹⁰.

Para defender que o objeto tira limpa-sapatos não seja tido como texto poder-se-ia invocar o facto – facilmente comprovável – de que nem todas as tiras limpa-sapatos incluem uma parte linguística (ou um texto, se preferirmos). Mas esse aspeto está longe de ser excecional; veja-se, por exemplo, o caso dos *cartoons*: pelo facto de haver *cartoons* que funcionam exclusivamente

8. “(...) um texto é uma sequência linguística atestada, produzida numa dada prática social e fixada num determinado suporte” (Rastier 2001:21, tradução livre do original em francês, itálico no original).

9. Sobre a insuficiência da oposição oral/escrito, veja-se também o contributo fundamental de Marcuschi, ao mostrar a necessidade de distinguir modalidade de produção e modalidade de circulação (*medium*), sendo que elas podem ou não coincidir, em textos de diferentes géneros. Cf. Marcuschi 2008.

10. “ Aquilo a que se chama um «texto» não é portanto um conteúdo que se teria fixado neste ou naquele suporte, um texto é indissociável do seu modo de existência material: modo de suporte/ transporte e de armazenamento, que implica uma forma determinada de inscrição ou de não inscrição numa memória” (Maingueneau 2002: 50, tradução livre do original em francês).

através da componente não verbal, excluiremos da categoria *texto* todos os casos em que há efetivamente produção linguística, a par da componente não verbal¹¹? A não serem textos, o que poderiam ser? Ou, por outras palavras: o que poderão ser materiais, ou objetos, produzidos em situação de uso e recorrendo a (pelo menos) uma língua (natural)? A experiência que temos de *cartoons* (experiência empírica, não analítica) permite-nos aceitar com idêntica naturalidade os que recorrem à componente linguística e os que a dispensam. Em termos descritivos ou analíticos, diremos que o *cartoon* é um género, que se pode considerar ligado à(s) atividade(s) humorística/jornalística/criativa; e que, neste género, a componente não verbal é um parâmetro necessário – ao contrário da componente verbal, que constitui apenas uma possibilidade, em termos de realização dos textos que correspondem a exemplares empíricos do género em causa¹².

Voltando à tira limpa-sapatos, procuremos rever as questões e equacionar respostas – sejam elas provisórias, mas que nos permitam avançar. De entre os objetos designados, no âmbito da atividade hoteleira, como tiras limpa-sapatos, alguns – como o que ficou reproduzido na Figura 1 – contêm uma parte linguística. Assumindo como pressuposto que não está aqui em causa uma perspetiva estritamente gramatical (ou meramente sintática), admitiremos que se trata, nesses casos, de textos – para os quais aceitaremos usar a mesma designação do objeto. Falar da tira limpa-sapatos como texto significa, portanto, admitir a existência de um conjunto, ou classe de textos, que se pode assim designar, e que se cola necessária e indissociavelmente a um contexto de atividade e de uso (a atividade hoteleira). Daqui decorrem duas constatações. Por um lado, o interesse de complementar a noção de *contexto de produção*, enquanto categoria descritiva, com a de contexto de conceção, de circulação e/ou de uso (a produção em série, no caso em análise, é menos relevante do que o eventual contexto de conceção e o que inequivocamente constitui o contexto de uso). Por outro lado, o fator de indissociabilidade entre texto e contexto de uso, atrás apontado, poderá constituir um dos traços diferenciadores entre classes de textos como aquela de que nos ocupamos e outras, mais tipicamente associadas à representação habitual de texto – tendo em conta, precisamente, o facto

11. Quando nos referirmos aqui à componente não verbal, o que está em causa é uma componente de natureza semiótica não linguística, a integrar a composicionalidade dos textos em questão – que não se confunde, portanto, com fatores de ordem situacional, inerentes à identidade de cada género.

12. Sobre as noções de *parâmetros de género* e de *mecanismos de realização textual*, cf. AUTOR & Miranda, 2009; AUTOR 2007.

de essa representação passar, entre outros aspetos, pela possibilidade de os textos se autonomizarem relativamente ao contexto de origem.

Passando à análise, começaremos por sublinhar o facto de o texto em análise ser produzido em mais do que uma língua. Se o facto é naturalmente suscitado pelo contexto de uso, em particular espaço e destinatário(s), é também essa a razão que justifica que a imagem não seja, neste caso, um mero suporte ou ilustração da componente verbal: a imagem funciona antes como recurso de substituição, relativamente a todas as línguas que não foram consideradas, e constitui portanto um recurso comunicacional face aos eventuais utentes, falantes de outras línguas.

No que diz respeito à parte verbal, verifica-se que ela é constituída por uma oração adverbial final realizada em cinco línguas – de que nos limitaremos a focalizar o caso do português. A ocorrência de uma subordinada sem realização da subordinante corresponderá, de acordo com a perspetiva sintática, a um caso de elipse. Seja, por exemplo:

(1) [Isto serve] Para limpar os sapatos.

Tomar em consideração o caso de elipse parece constituir condição necessária para que seja possível continuar a reconhecer algumas das propriedades sintáticas gerais das subordinadas adverbiais (Brito 2003: 698-699), como a clivagem – exemplo (2) – ou a possibilidade de ocorrência em posição inicial, medial ou final¹³ – exemplos (3), (4) e (5):

(2) É *para limpar os sapatos* que [isto serve].

(3) [Isto serve] Para limpar os sapatos.

(4) [Isto,] *para limpar os sapatos*, [serve].

(5) Para limpar os sapatos, [isto serve]

De acordo com Lobo (2003: 178-180), as adverbiais em posição inicial não podem corresponder ao elemento novo, ou foco – ao contrário das que ocorrem em posição final, que não podem ser o tópico; esta generalização do “estatuto discursivo” diferenciado que recai sobre adverbiais em posição inicial e final assenta no recurso a pares pergunta-resposta. Seja, então:

13. Propriedade tida como fundamental para a distinção entre subordinadas e coordenadas (Brito 2003: 699).

(6) Para que é que isto serve?

(Isto serve) para limpar os sapatos.

(7) O que é que serve para limpar os sapatos?

(Para limpar os sapatos), isto serve / (Para limpar os sapatos, serve) isto.

O contraste entre (6) e (7) sugere que a tira limpa-sapatos de que nos vimos ocupando seja preferencialmente interpretada de acordo com (6). Ao mesmo tempo, fica em evidência que a adverbial final isolada cristaliza afinal um diálogo virtual, que pode ser confirmado pela interpelação direta do interlocutor – marcada pelo possessivo de segunda pessoa, nas outras quatro línguas consideradas; em português, pela coocorrência do infinitivo pessoal e do determinante definido – suscitando o primeiro uma leitura possessiva do segundo. Assim, (1) pode ser interpretado como (8):

(8) [Isto serve] Para [o(a) senhor(a) / você] limpar os [seus] sapatos.

O caráter dialógico de toda a enunciação foi inequivocamente sublinhado por Voloshinov ([1929]1977: 105):

Toute énonciation-monologue, même s'il s'agit d'une inscription sur un monument, constitue un élément inaliénable de la communication verbale. Toute énonciation, même sous forme écrite figée, est une réponse à quelque chose et est construite comme telle. Elle n'est qu'un maillon de la chaîne des actes de parole.¹⁴

Mas para Voloshinov o princípio dialógico vai de par com o caráter inequivocamente social de qualquer enunciação ([1929]1977: 119):

En réalité, l'acte de parole, ou, plus exactement, son produit, l'énonciation, ne peut nullement être considéré comme individuel au sens étroit de ce terme; il ne peut être expliqué par référence aux conditions psychophysiologiques du sujet parlant. *L'énonciation est de nature sociale.*¹⁵

14. “Qualquer enunciação-monólogo, mesmo que se trate de uma inscrição num monumento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Qualquer enunciação, mesmo sob forma escrita fixa, é uma resposta a qualquer coisa e é construída como tal. Ela não é mais do um elo da cadeia dos atos de fala. (Voloshinov [1929]1977: 105, tradução livre do original em francês).

15. “Na realidade, o ato de fala ou, mais exatamente, o seu produto, a enunciação, não pode de forma nenhuma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado por referência às condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social.” (Voloshinov [1929]1977: 119, tradução livre do original francês).

Deste ponto de vista, a reinterpretação da adverbial final em função de um diálogo mais ou menos virtual tem implicações diferentes das que estão em causa na análise atrás apresentada (seguindo Lobo 2003). Neste último caso, como se viu, os “pares pergunta-resposta” são usados como recurso para a identificação do comportamento das adverbiais finais, em termos de tópico e de foco – a esse mesmo comportamento se confinando o que é designado como “estatuto discursivo”¹⁶. Assim, ainda que aparentemente decalcados do diálogo quotidiano ou conversacional, os “pares pergunta-resposta” permanecem alheios a uma consciência social, e diferenciada, do(s) discurso(s) – dos “tipos e formas de discurso”, para usarmos, uma vez mais, palavras de Voloshinov ([1929]1977: 39). Ora, é precisamente em função dessa diferenciação que a análise do exemplo da Figura 1 assume pertinência. Com efeito, neste caso, a possibilidade de interpretar a adverbial final em ocorrência como resposta a um diálogo virtual implica que se caracterize de forma mais específica tanto o diálogo como a sua virtualidade. Para tal, comecemos por colocar uma questão: por que razão não dispõem as casas de banho de hotel de sabonetes com a inscrição *Para lavar as mãos?* A resposta é fácil: porque é óbvio. Mas a resposta permite também compreender, inversamente, o exemplo em análise: a inscrição verbal (e não verbal, como já atrás se sublinhou) numa tira de material específico (que serve para limpar sapatos) assenta num cálculo de desconhecimento, por parte do interlocutor-utente, dessa mesma funcionalidade (limpar sapatos) associada ao objeto em causa¹⁷. Mais do que a identificação da função de foco, o que está em causa é a disponibilização de um esclarecimento antecipado – que pode eventualmente ser pensado como resposta a uma hipotética pergunta. É portanto em função da natureza social do objeto – enquanto produto de hotelaria – que se pode em última análise compreender a razão pela qual, na tira limpa-sapatos, a elipse é preferível a hipotéticas versões mais ou menos completas – como as propostas em (1) e (8). Cálculo de desconhecimento e antecipação de esclarecimento, são tarefa, ou responsabilidade, de quem pensa e concebe o produto – o objeto chamado tira limpa-sapatos. Mas é sobre a tira limpa-sapatos que recai, por assim dizer, o papel de (veicular a)

16. A observação não retira, como é óbvio, a legitimidade e mesmo a utilidade de que se possam re-vestir generalizações assim obtidas – utilidade essa de que o presente trabalho é também devedor.

17. Uma simples constatação empírica poderá mostrar que a esponja limpa-sapatos – um produto praticamente equivalente, no âmbito da mesma atividade – não precisa de qualquer inscrição. E é previsível que a própria tira limpa-sapatos tenda a dispensá-la – na medida em que o material usado e/ou o objeto se tornam familiares.

resposta. Se a tira limpa-sapatos ostentasse a inscrição *Isto serve para limpar os sapatos*, sobrepunha-se um comportamento de tipo autorreferencial ao valor referencial de ordem exofórica associado à ocorrência do demonstrativo. Para dar conta dessa autorreferencialidade, a solução mais direta seria recorrer à primeira pessoa do singular: obter-se-ia assim, de resto, uma final mais prototípica, uma vez que a figura de personificação permite veicular o caráter de intencionalidade que se assume como característico das finais¹⁸; no entanto, a mesma figura corria elevado risco de desadequação, não se verificando qualquer fator (lúdico, por exemplo) que justificasse uma tal opção. Deste ponto de vista, a ocorrência da adverbial final isolada aparece como uma escolha extremamente certa no que diz respeito à “representação dos enunciadores”, em função da classe de textos em causa (Rastier 2001, 39)¹⁹. Ao mesmo tempo, fica também em evidência a capacidade de uso da língua que manifesta quem concebe o produto: a análise desenvolvida mostra que a estrutura usada é a que convém, independentemente do facto de não constar das descrições fornecidas pelas descrições gramaticais disponíveis. Como inequivocamente mostrou Voloshinov, a consciência do funcionamento da língua não é, em primeiro lugar, uma consciência normalizada, mas sim prática, ou operacional:

Pour lui [le locuteur], le centre de gravité de la langue n'est pas situé dans la conformité à la norme de la forme utilisée, mais bien dans la nouvelle signification que celle-ci prend en contexte. Ce qui importe, ce n'est pas l'aspect de la forme linguistique, qui reste immuable dans tous les cas, quels qu'ils soient, où celle-ci est utilisée. Non, pour le locuteur, ce qui importe, c'est ce qui permet à la forme linguistique de figurer dans un contexte donné, ce qui fait d'elle un signe adéquat dans les conditions d'une situation concrète donnée. (Voloshinov, [1929]1977: 99)²⁰.

18. Veja-se Braz 2005: “Em síntese, para ser considerada canónica, uma oração final tem de obedecer a dois requisitos fundamentais: o predicador verbal da oração com a qual se combina deve ser não estativo e o respetivo argumento externo deve desempenhar a função semântica de Agente.” Braz 2005: 46.

19. A problemática da enunciação representada corresponde à componente dialógica, no modelo proposto por Rastier. Para o autor, os problemas do enunciador e do destinatário devem ser substituídos – respetivamente “par celui du foyer énonciatif, tel qu'il est représenté dans le texte et/ou situé par les règles du genre” (...); par celui du foyer interprétatif, dans des conditions analogues” (Rastier 1996: 16). Recorde-se ainda que, na perspectiva de Rastier, a produção e a interpretação dos textos se desenvolvem através da interação não sequencial entre quatro componentes autónomas: temática, dialética, dialógica e rática. Para uma apresentação sintética das referidas componentes, poder-se-á consultar Rastier 2001: 38-41.

20. “Para ele [o locutor], o centro de gravidade da língua não se situa na conformidade à norma da forma utilizada, mas sim na nova significação que ela toma em contexto. O que importa, não é o

4. BREVE NOTA SOBRE OS “PEQUENOS GÊNEROS DO QUOTIDIANO”

A análise desenvolvida no ponto anterior partiu de um exemplo pontual – questão a que voltaremos, mais à frente. Começamos por discutir em que medida se podia atribuir ao exemplo escolhido o estatuto de texto – mas, uma vez esclarecida essa questão, a análise focalizou sobretudo a incidência que o contexto de atividade exerce (ou pode exercer) sobre as possibilidades linguísticas mobilizadas na produção textual. Interessa ainda, no entanto, refletir sobre o estatuto do gênero em análise – ou explicitar as conclusões que o exemplo analisado permite evidenciar, desse mesmo ponto de vista.

De um ponto de vista teórico – na sequência de autores como Bronckart 1997 e Rastier 1989 e 2001 – assumimos que cada texto, enquanto objeto empírico, e singular, constitui um exemplar de um determinado gênero – sendo que os gêneros se relacionam diretamente com as atividades a que estão associados (por outras palavras, os gêneros surgem, desenvolvem-se e transformam-se em função das conveniências e das atividades da atividade em causa, numa época e numa cultura dadas). A ser assim, tomar a tira limpa-sapatos como texto implicará também assumir a tira limpa-sapatos como gênero. Um “pequeno gênero do quotidiano”, certamente.

Os “pequenos gêneros do quotidiano” ganham um destaque considerável através da (re)leitura de Voloshinov²¹: a questão, tratada no capítulo “L’interaction verbale” de *Le marxisme et la philosophie du langage* (publicado em Leninegrado em 1929, em 1977 em França), é retomada em “La structure de l’énoncé” (que data de 1930, aparecendo em 1981 integrado em Mikhaïl Bakhtine, *le principe dialogique, suivi de Ecrits du Cercle de Bakhtine*, de Todorov). Mais ainda: o texto de 1930 cita longamente o de 1929 (cf. Voloshinov, 1930-1981: 291, nota 1), precisamente a propósito da questão de que agora nos ocupamos. Mas as duas versões não coincidem exatamente. Tendo em conta que a citação parece ser da responsabilidade do próprio

aspecto da forma linguística, que permanece imutável, sejam quais forem os casos em que é usada. Não, para o locutor, o que importa é o que permite à forma linguística figurar num determinado contexto, o que faz dela um signo adequado nas condições de uma determinada situação concreta.” (Voloshinov, [1929]1977: 99, tradução livre do original francês).

21. Como se sabe, a versão bakhtiniana desta problemática (Bakhtine 1984) enfatizou a distinção entre gêneros primários (ou simples) e gêneros secundários (ou complexos).

Voloshinov²², pode admitir-se que as diferenças em causa não correspondam a reformulação e/ou evolução do pensamento do autor, dependendo antes, provavelmente, de problemas e de opções diferenciadas, em termos de tradução²³. Embora não tenhamos condições para avaliar questões de tradução, o confronto entre as duas versões pode revelar-se significativo (cf. tabela em Anexo²⁴).

O primeiro aspeto que nos interessa aqui destacar diz respeito à forma como, nas duas versões, se dá conta da especificidade dos “pequenos géneros do quotidiano”. Com efeito, assumindo-se que são determinados em todos os seus aspetos ou componentes pelos fatores sociais ou contextuais, postula-se também que permanecem necessariamente presos a eles, numa relação de total coincidência:

Les formules de la vie courante font partie du milieu social, ce sont des éléments de la fête, des loisirs, des relations qui se nouent à l'hôtel, dans les ateliers, etc. Elles coïncident avec ce milieu, sont délimitées et déterminées par lui dans tous leurs aspects. (Voloshinov [1929]1977: 139)²⁵

Le genre quotidien est un élément du milieu social: qu'il s'agisse de la fête, des loisirs, des relations de salon, d'atelier, etc. Il coïncide avec ce milieu, il s'y trouve limité et il est aussi déterminé par lui en tous ses composants internes. (Voloshinov, [1930]1981: 291)²⁶

22. Apesar de no início deste artigo os tradutores se limitarem a referir, no que diz a respeito a notas, o facto de terem eliminado algumas que forneciam “explicação de palavras difíceis” (cf. p. 287, nota **), parece legítimo assumir que se mantém válida para os vários artigos traduzidos a nota ao primeiro que é incluído (*Le discours dans la vie et le discours dans la poésie*), segundo a qual as notas introduzidas por asterisco são da responsabilidade do tradutor (cf. pág. 181, nota *).

23. Os textos que Todorov incluiu, como anexos, em Mikhaïl Bakhtine, *le principe dialogique*, foram traduzidos do russo por Georges Philippenko com a colaboração de Monique Canto (cf. Todorov 1981) ao passo que *Le marxisme et la philosophie du langage* foi traduzido por Marina Yaguello.

24. Os aspetos mais relevantes foram evidenciados através do recurso a itálicos.

25. “As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social, são elementos da festa, dos tempos livres, das relações que se estreitam no hotel, nas oficinas, etc. Elas coincidem com o meio, são delimitadas e determinadas por ele em todos os seus aspetos.” (Voloshinov [1929]1977: 139, tradução livre do original francês).

26. “O género quotidiano é um elemento do meio social: quer se trate da festa, dos tempos livres, das relações de salão, de oficina, etc. ele coincide com esse meio, fica limitado nele e é também determinado por ele em todas as suas componentes internas.” (Voloshinov, [1930]1981: 291, tradução livre do original francês).

Deste ponto de vista, a tira limpa-sapatos pode constituir um ótimo exemplo: é o género, enquanto forma de comunicação social, que determina o todo da produção – e do todo, é particularmente relevante, neste caso, a estruturação linguística e a organização material.

Por outro lado, no entanto, é evidente a oscilação de termos, nos dois textos de Voloshinov a que nos estamos a referir: *enunciações*, (tipos de *discursos menores*, *fórmulas*, em 1929-1977; *formas de enunciados*, *géneros de enunciados*, *pequenos géneros*, *género quotidiano*, em 1930-1981 (sendo que a tendência para a fixação do termo *género*, no segundo texto, não parece ter decorrido de uma opção formal do próprio autor, como acabámos de ver). Reconhecem-se nas duas versões, no entanto, traços recorrentes: em primeiro lugar, o facto de se tratar de produções completas (“totalidades”), dotadas de tipicidade no âmbito da vida quotidiana ou corrente. Haveria aqui talvez razão para nos perguntarmos que critérios definem a tipicidade das produções em causa: questões de frequência e recorrência (tendo em conta que os exemplos referidos são a pergunta, a ordem, o pedido e a exclamação)? A dúvida é, de certa forma, esclarecida à frente. De facto, ambas as versões distinguem duas vertentes diferentes. Por um lado, a *produção linguística localizada*, se assim se pode dizer (referida em termos de “moldagem de enunciações”, em 1929-1977, e de *formulação*, em 1930-1981); trata-se neste caso de corresponder (corresponder) às especificidades da situação: “des particularités fortuites et non réitérables des situations de la vie courante (1929-1977), “les traits particuliers, contingents et uniques, qui définissent chaque situation vécue” (1930-1981). Por outro lado, a *fórmula estereotipada* (1929-1977) ou *género constituído* (1929-1977), a que se aplica uma restrição muito clara; só é esse o caso quando se verifica o carácter regular e estável que decorre da reiteração das circunstâncias de uso e/ou da fixação das circunstâncias sociais:

On ne peut parler de formules spécifiques, de stéréotypes dans le discours de la vie quotidienne que pour autant qu’il existe des formes de vie en commun un tant soit peu réglées, renforcées par l’usage et les circonstances. (Voloshinov, [1929]1977 : 139)²⁷

Mais on ne peut parler de genres constitués, propres au discours quotidien, que si l’on est en présence de formes de communication qui soient, dans la vie quotidienne,

27. “Não se pode falar de fórmulas específicas, de estereótipos no discurso da vida quotidiana senão na medida em que existem formas de vida em comum mais ou menos reguladas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias.” (Voloshinov, [1929]1977: 139, tradução livre do original francês).

quelque peu stables et fixées par le mode de vie et les circonstances. (Voloshinov, [1930]1981)²⁸

Por um lado, a distinção assinalada permite ressituar os exemplos usados pelo autor: se a exclamação, o pedido ou a ordem não constituem provavelmente, aos olhos de hoje, exemplos previsíveis ou esclarecedores da noção de gênero, importará sublinhar que, para o próprio Voloshinov, não se trata nesses casos de gêneros (gêneros constituídos) a não ser na medida em que se colam, por assim dizer, a uma conjuntura social reiterada e estável. Por outras palavras: ao contrário da versão pragmática da teoria dos atos de fala, que os descreve numa transversalidade afinal próxima da universalidade sintática (como se todas os pedidos, por exemplo, fossem meramente redutíveis à combinação de conteúdo proposicional e força ilocutória), a conceção de Voloshinov implica a mobilização necessária das condições de produção (digamos que o pedido do professor a um aluno, em sala de aula, não é certamente o mesmo gênero que o pedido do professor a um colega)²⁹. Embora a propósito de outro caso – a *conversa* (“conversation”) – Rastier mostra bem esta conceção quando sublinha que não se trata de um gênero único, uma vez que dispomos de múltiplos gêneros conversacionais associados a diferentes práticas sociais (Rastier 2001: 228).

Por outro lado, os termos em que é estabelecida a distinção em causa podem levantar novas dificuldades (conceptuais e/ou terminológicas). De acordo com a primeira versão (1929-1977), que não usa o termo *gênero*, como vimos, a enunciação adquire uma *forma* (é moldada) em resposta às características particulares da situação – e só adquire o estatuto de *fórmula* em função da reiteração das condições de uso (pelo que a fórmula é entendida e assumida como *estereotipada*). Na segunda versão (1930-1981), a forma ou moldagem da enunciação, sujeita à contingência de uma situação particular, é já entendida como *gênero* – a distinguir, no entanto, de *gênero constituído*, enquanto *forma de comunicação estável*, sujeita ao mesmo tipo de condições referidas para a fórmula estereotipada (a reiteração de condições de uso):

28. “Mas não se pode falar de gêneros constituídos, próprios do discurso quotidiano, senão quando se está em presença de formas de comunicação que sejam, na vida quotidiana, mais ou menos estáveis e fixadas pelo modo de vida e pelas circunstâncias.” (Voloshinov, [1930]1981: 291, tradução livre do original francês).

29. Fica por discutir o problema de saber em que medida o pedido e a aula, por exemplo, podem ambos ser tomados como gêneros. Sem aprofundar a questão, apontam-se aqui apenas dois contributos eventualmente relevantes: a noção de *gênero incluído* (Rastier 2001) e a distinção entre *gênero de texto* e *gênero de enunciado* (Miranda 2010).

Ainsi, la façon dont est formulé un ordre est déterminée par les éléments qui peuvent faire obstacle à la réalisation de celui-ci, par le degré de soumission qu'il peut rencontrer, etc. *Le genre prend donc sa forme achevée dans les traits particuliers, contingents et uniques, qui définissent chaque situation vécue.*

Mais on ne peut parler de genres constitués, propres au discours quotidien, que si l'on est en présence de formes de communication qui soient, dans la vie quotidienne, quelque peu stables et fixées par le mode de vie et les circonstances. (Voloshinov, [1930]1981: 291, destaques meus)³⁰

Uma leitura cruzada das duas versões autorizará a que se compreenda a noção de *gênero* no sentido de forma, ou moldagem, das enunciações, e a noção de *gênero constituído* no sentido de forma que, pela reiteração e estabilização das circunstâncias, se cristalizou. Uma ressalva importa de imediato fazer: a forma ou moldagem das enunciações não é, em Voloshinov, um processo individual e intimista, mas sim, sempre e inequivocamente, uma questão de orientação social³¹. Se é verdade que essa orientação social é, no autor, um processo de interação entre indivíduos que em circunstância alguma se veem destituídos das determinações ideológicas (socio-históricas e culturais) dos contextos de produção, a tira limpa-sapatos ostenta uma particularidade que é, afinal, altamente representativa de condições da vida moderna (ou pós-moderna): permanecendo necessariamente colada a circunstâncias, não de produção, mas de uso, nela se apagam os agentes da interação (representada) – não apenas em termos de marcas linguísticas mas também (sobretudo) do ponto de vista da capacidade de intervenção na situação. O que fica disponível é um objeto (de produção em série). Mas a oposição entre *gênero* e *gênero constituído* põe em destaque um outro aspeto: é que, se qualquer texto ocorre necessariamente formatado, de um ponto de vista genérico – recorrendo o produtor ao que Bronckart (2004: 105) designou como *arquitexto*, espécie de repertório de gêneros disponibilizado através da elaboração das gerações precedentes – nem todos os textos têm

30. “Assim, a forma como é formulada uma ordem é determinada pelos elementos que podem criar obstáculo à realização dessa ordem, pelo grau de submissão que pode encontrar, etc. O gênero adquire portanto uma forma acabada através dos traços particulares, contingentes e únicos que definem cada situação vivida. Mas não se pode falar de gêneros constituídos, próprios do discurso quotidiano, senão quando se está em presença de formas de comunicação que sejam, na vida quotidiana, mais ou menos estáveis e fixadas pelo modo de vida e pelas circunstâncias.” (Voloshinov, [1930]1981: 291, tradução livre do original francês).

31. A oposição entre uma epistemologia fenomenológica, em Bakhtine, e uma epistemologia inequivocamente interacionista social, em Voloshinov, constitui, em si mesma, uma via de clarificação do problema da autoria dos textos – como mostram Bota & Bronckart (2008).

a capacidade de intervir retroativamente sobre o arquiteito. Por outras palavras: nem todos os textos estão associados a circunstâncias de tal forma estáveis e recorrentes que suscitem a constituição de um (novo) género. E mais uma vez aqui a tira limpa-sapatos pode ilustrar um funcionamento representativo: para além da maior ou menor evidência que possa recair sobre a designação propriamente dita, a tira limpa-sapatos funciona como género quando a atividade hoteleira (ou as atividades envolvidas no âmbito da hotelaria) lhe reconhecem identidade (estável, reiterável). E se os exemplares empíricos do género limpa-sapatos, no âmbito da atividade hoteleira, tendem a dispensar a componente linguística – isso será apenas um problema da atividade de (alguns) linguistas.

5. APROXIMAÇÕES (MAIS OU MENOS) INESPERADAS

Admitamos então a tira limpa-sapatos como um género – um pequeno género do quotidiano (da hotelaria). Um pequeno género anódino que dispensaria páginas gastas para descrever o que se diz em duas linhas: um género preso às circunstâncias (triviais) do quotidiano, tão básico que dispensa uma estrutura frásica completa – quando não dispensa mesmo a formulação linguística. Será. Mas ainda assim continua a parecer-nos que se justifica prestar-lhe atenção. Em primeiro lugar, porque o texto em análise constitui aquilo que poderemos talvez considerar um bom exemplar do género. Não pretendemos, com esta formulação, enfatizar uma questão de tipicidade (de acordo com o que foi atrás exposto, o carácter genérico não se relaciona, pelo menos em primeiro lugar, com a estabilidade cognitiva de uma categoria, mas com a estabilidade e reiteração de circunstâncias sociais de produção do texto³²). Trata-se antes de sublinhar a forma como um exemplar do género em causa exhibe (ainda?) com clareza as circunstâncias específicas a que corresponde; e também, ou talvez sobretudo, a capacidade de um texto concreto pôr problemas, levantar questões – neste caso, em particular, questões de língua.

32. Veja-se, a este propósito: “Les prototypes ne procèdent donc pas d’une «compétence textuelle» biologiquement fondée, comme le soutiennent certains cognitivistes; ils procèdent de l’expérience de l’intertexte, dans ses dimensions pratiques et historiques. Et, comme toutes les propriétés de cet intertexte, ils sont donc susceptibles de se modifier en permanence.” Bronckart, 1997: 236

Curiosamente, podemos reencontrar as mesmas questões de língua num texto de natureza completamente diferente. A expressão “as mesmas questões de língua” constitui necessariamente uma simplificação: na sequência do que vimos, a forma como a língua se estrutura num texto depende da forma como esse texto responde (corresponde) às circunstâncias sociais que o solicitam ou exigem. Uma razão mais, afinal, para que se queira perceber a ocorrência de orações subordinadas finais com elipse da subordinante, no poema de Daniel Faria que a seguir se reproduz³³:

Para que nasças no mês anterior
Para que nasças muito antes de chegares

Para que amanheças já aberta e recortada
No tempo anterior à tua vinda
Para que amanheças
Ó rosa anterior

Para que venhas
Mesmo antes de seres compreendida. Ainda
Antes da terra te poder gerar. Ó rosa
Já florida

Sem desenvolver a análise, limitar-nos-emos aqui a dois breves apontamentos. Por um lado, sublinhar que, se este caso nos aparece nos antípodas do género anteriormente analisado – destinado que é, o poema, a esquecer as circunstâncias imediatas da sua produção (ou a sobreviver-lhes) – também é verdade que a análise deste poema pode (o que não quer dizer que, necessariamente, deva) ser sensível a condições materiais de produção ou de circulação. Por outras palavras, admitimos que possa ser pertinente, no âmbito de alguns *percursos interpretativos*³⁴, o facto de o poema ocupar, no *medium* (livro) em que circula socialmente, uma posição peritextual³⁵: imediatamente depois da folha de rosto (nome do autor, título e informação espacio-temporal) e antes da página que contém apenas o sub-título (“Das Nascentes”) da primeira das oito secções que o livro contém³⁶. Sem explicitarmos aqui todo o percurso, o que ficou sugerido é suficiente para

33. Faria, Daniel (2000). *Dos Líquidos*. Porto: Fundação Manuel Leão.

34. Sobre a noção de *percurso interpretativo*, veja-se Rastier 2001.

35. Sobre géneros peritextuais na atividade editorial, veja-se Jorge 2008.

36. Não será também alheio a essa posição peritextual o facto de o poema aparecer em itálico (o que não acontece em mais nenhum caso, no mesmo livro).

introduzir o nosso segundo apontamento. É que os dois casos de que nos vimos ocupando, ao longo destas páginas, permitem, a nosso ver, evidenciar o interesse da análise de textos singulares: análise certamente pertinente, de vários pontos de vista; mas que aqui nos interessa em função da forma como esses textos (ou essas análises) podem dar a ver a língua tal qual se usa – nem sempre coincidente com a língua tal qual as gramáticas e/ou as descrições linguísticas a fixam (como, evidentemente, é também necessário que aconteça). Como disse Jean-Michel Adam (1997: 45, destaques meus):

*L'analyse textuelle – et en particulier l'approche linguistique des textes littéraires – devrait permettre d'explorer des “régions loin de l'équilibre”, d'aller jusqu'à Artaud, Hölderlin, Khlenikov, Maïakovski et jusqu'à l'aphasie, comme le fit si admirablement, en son temps, Roman Jakobson, d'introduire la diversité et la variation dans la description du système complexe et ouvert des langues. Elle devrait inciter le linguiste à faire bouger les notions de langue et de grammaticalité en ne considérant l'invariant que comme un noyau très provisoirement stabilisé.*³⁷

Nem só o literário permite captar esse movimento de des-estabilização, acrescentaríamos nós (sem qualquer simplismo de equivalência entre o literário e o não literário, ou de neutralização da especificidade do fenômeno literário). Se a análise desenvolvida tiver correspondido, como julgamos, aos objetivos assumidos, ela evidenciará que estruturas que não constam da imagem normalizada da (gramática) de uma língua são talvez afinal mais frequentes do que o que parece, no contexto de atividades diferentes. É o caso das adverbiais finais: no poema transcrito, como na tira limpa sapatos, as orações em ocorrência desestabilizam a estrutura normalizada, consagrada pelas gramáticas. Não se trata aqui de reivindicar que as gramáticas incluam ocorrências 'desestabilizadas'. Mas estamos em crer que um olhar atento sobre a diversidade de produções linguísticas – textos de múltiplos gêneros em múltiplas atividades – poderia ginastizar a representação que

37. “A análise textual – e em particular a abordagem linguística dos textos literários – deveria permitir explorar as “regiões longe do equilíbrio”, ir até Artaud, Hölderlin, Khlenikov, Maïakovski e até à afasia, como fez no seu tempo, de forma admirável, Roman Jakobson, introduzir a diversidade e a variação na descrição do sistema complexo e aberto das línguas. Ela deveria incitar o linguista a fazer mexer as noções de língua e de gramaticalidade não considerando o que é invariante senão como um núcleo muito provisoriamente estabilizado.” (Adam 1997: 45, tradução livre do original francês).

temos da língua e, talvez também conseqüentemente, o domínio que dela somos capazes.

6. E [ISTO] PARA QUE SERVE?

Sobre o trabalho desenvolvido nos pontos anteriores, poder-se-á dizer que não excede dois exemplos isolados – e que, como tal, não há conclusões suficientemente significativas. Sendo indiscutível a conveniência de consolidar o ponto de vista assumido, recorrendo a trabalho empírico alargado, parece-nos no entanto que os casos particulares podem ser, em si mesmos, objeto de análise – constituindo esta um exercício útil, talvez tão pertinente como a análise de textos colhidos/integrados num *corpus* (mais ou menos) homogêneo e (tido como) representativo de um determinado fenómeno/problema. Se as diferentes abordagens se devem provavelmente complementar, com vista à obtenção de dados significativos quanto às condições de regularidade e de variação dos funcionamentos linguísticos, estamos em crer que a análise de textos singulares pode constituir provocação saudável para a linguística. Sobretudo, para uma linguística que se queira (mais) dialogante ou mesmo (mais) útil:

Pour aller au contact des autres disciplines et notamment des disciplines littéraires, la linguistique ne doit pas se contenter d'étudier – ou d'édicter – les règles de la langue, mais gagnerait à se poser le problème de la description idiographique: qualifier, au niveau d'analyse qui est le sien, les différences entre deux textes, voire entre deux passages, ce ne serait pas déchoir. (Rastier 2001: 6-7)³⁸

Para além da questão metodológica³⁹, e do interesse de que em si mesma se reveste a clarificação de noções (como a *texto* ou de *género de texto*), a perspetiva de um trabalho linguístico que possa ser útil a outras áreas permite-nos ainda sublinhar um aproveitamento possível para o trabalho realizado (ou para outros equivalentes). Pelo menos a título de hipótese, e tomando como exemplo o confronto de textos que aqui se desenvolveu,

38. “Para estar em contacto com outras disciplinas, nomeadamente com as disciplinas literárias, a linguística não deve contentar-se com o estudar – ou o fixar – as regras da língua, mas ganharia se colocasse o problema da descrição idiográfica: não a diminuiria qualificar, no nível de análise que é o seu, as diferenças entre dois textos, ou mesmo entre duas passagens.” (Rastier 2001: 6-7, tradução livre do original francês).

39. Sobre esta questão, veja-se também Ouellet 1989.

podemos admitir que a reflexão sobre um texto tão anódino como a tira limpa-sapatos possa ser uma via (não a única, evidentemente, talvez não a melhor, mas uma entre outras possíveis, certamente) de sensibilização para textos (e/ou para funcionamentos linguísticos) menos evidentes (como o poema de Daniel Faria ou, se quisermos generalizar, como tendencialmente se verifica em muitos poemas). Em qualquer caso, admitimos que a capacidade reflexiva sobre os textos – quaisquer textos – que circulam em sociedade pode ter implicações na forma como a pessoa se situa no mundo e encara a sua capacidade de intervenção nele. A vertente didática ou, em termos mais amplos, formativa, que assim se perspetiva justifica também o percurso realizado – sobretudo para alguém que se inscreve no quadro teórico e epistemológico do interaccionismo sociodiscursivo (Bronckart 1997), como é o caso de quem assina estas páginas.

Recebido em outubro de 2011

Aprovado em dezembro de 2011

E-mail: acoutinho@fch.unl.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. 1997. *Le style dans la langue*. Lausanne-Paris: Delachaux & Niestlé.
- _____. 1999. *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan.
- _____. 2008. *A lingüística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora.
- BEAUGRANDE, Robert de. 1980. *Text, Discourse and Process. Toward a multidisciplinary science of texts*. London: Longman.
- BEAUGRANDE, Robert de & DRESSLER, Wolfgang. 1981. *Introduction to text-linguistics*. London: Longman.
- BOTA, Cristian & Jean-Paul BRONCKART. 2008. Volochinov et Bakhtine: deux approches radicalement opposées des genres de texte et de leur statut. *Linx* 56: 67-83.
- BRONCKART, Jean-Paul. 2004. Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. *Langages*, 153, pp. 98-108.
- _____. 1997. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme sociodiscursif*, Lausanne: Delachaux et Niestlé.

- BRAZ, Ana Cristina Pereira. 2005. *A expressão da finalidade em português europeu contemporâneo: aspetos sintáticos, semânticos e pragmáticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade.
- BRITO, Ana Maria. 2003. Subordinação adverbial. In: Mateus, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 695-728.
- COUTINHO, Maria Antónia & Florencia MIRANDA. 2009. To describe textual genres: problems and strategies. In: Bazerman, Ch., Figueiredo, D. & Bonini, A. (orgs). *Genre in a Changing World. Perspectives on Writing*. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press: 35-55.
- COUTINHO, Maria Antónia. 2007. Textos e géneros de texto: problemas (d) de descrição. In: Guimarães, Ana Mattos, Anna Rachel Machado & Maria Antónia Coutinho (orgs). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 101-110.
- DUARTE, Inês. 2003. Aspetos linguísticos da organização textual. In: Mateus, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 85-123.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood & Ruqaiya HASAN. 1976. *Cohesion in English*. London – New York: Longman.
- JORGE, Noémia. 2008. *O género editorial capa. O caso dos romances policiais*. Mestrado em Edição de Texto, FCSH-UNL.
- LOBO, Maria. 2003. *Aspetos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português*. Dissertação de Doutoramento, FCSH-UNL. Disponível em <http://www.clunl.edu.pt/PT/?id=1342&mid=196>.
- MAINGUENEAU, Dominique. 2002. Les composantes du genre. In Dardy, C., Ducard, D. & Maingueneau, D. *Un genre universitaire. Le rapport de soutenance de thèse*. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 49-88.
- MARCUSCHI, Luiz António. 2008. *Produção textual, análise de géneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.
- OUELLET, Pierre. 1989. «Par exemple...»: statut cognitif et portée argumentative de l'exemplification dans les sciences du langage. In : Reichler-Béguelin, Marie-José (ed.), *Perspectives méthodologiques et épistémologiques dans les sciences du langage*. Berne: Peter Lang, 95-114.
- RASTIER, François. 2001. *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.
- _____. 1996. Pour une sémantique des textes. In : Rastier, François (éd.). *Textes & sens*. Paris: Didier, 9-38.

- SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]1972. *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot.
- VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. [1930]1981. La structure de l'énoncé. In : Todorov, Tzetvan. *Mikhaïl Bakhtine le principe dialogique*. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 287-316.
- _____. [1929]1977. *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit.

ANEXO – TABELA

<p>L'interaction verbale. In : Le marxisme et la philosophie du langage, 1929, Leninegrado; 1977, Paris: Minuit (ch. 6, L'interaction verbale, 120-141)</p>	<p>La structure de l'énoncé, 1930 (287-316). In: Todorov, T. 1981. Le principe dialogique. Paris: Seuil</p>
<p>La question fermée, l'exclamation, l'ordre, la requête, voilà <i>des énonciations complètes typiques de la vie courante</i>. Toutes (en particulier les ordres, les requêtes) exigent un complément extraverbal tout comme une amorce non verbale. Ces <i>types de discours mineurs de la vie quotidienne</i> sont modelés par le frottement de la parole contre le milieu extraverbal et contre la parole d'autrui. Ainsi, la forme de l'ordre est déterminée par les obstacles qu'il peut rencontrer, le degré de soumission du récepteur, etc. <i>Le modelage des énonciations</i> répond ici à des particularités fortuites et non réitérables des situations de la vie courante. On ne peut parler <i>de formules spécifiques, de stéréotypes dans le discours de la vie quotidienne</i> que pour autant qu'il existe des formes de vie en commun un tant soit peu réglées, renforcées par l'usage et les circonstances. pp. 138-139, destaques meus</p>	<p>“La question bien formée, l'exclamation, l'ordre, la prière, voilà <i>les formes les plus typiques d'énoncés de la vie quotidienne, qui soient des totalités</i>. Ils exigent tous – et, surtout, l'ordre et la prière – un complément extraverbal, mais aussi bien un commencement de nature elle-même extraverbale. Chacun de <i>ces petits genres d'énoncés, qui ont cours dans le quotidien</i>, suppose, pour être accompli, que le discours soit en contact avec le milieu extraverbal, d'une part, et le discours d'autrui, d'autre part.</p> <p>«Ainsi, la façon dont est formulé un ordre est déterminée par les éléments qui peuvent faire obstacle à la réalisation de celui-ci, par le degré de soumission qu'il peut rencontrer, etc. <i>Le genre</i> prend donc sa forme achevée dans les traits particuliers, contingents et uniques, qui définissent chaque situation vécue.</p> <p>«Mais on ne peut parler de <i>genres constitués, propres au discours quotidien</i>, que si l'on est en présence de formes de communication qui soient, dans la vie quotidienne, quelque peu stables et fixées par le mode de vie et les circonstances. pp. 290-291, destaques meus</p>

Toute situation inscrite durablement dans les mœurs possède un auditoire organisé d'une certaine façon et par conséquent *un certain répertoire de petites formules courantes*. Partout, *la formule stéréotypée* se cantonne à la place qui lui est dévolue dans la vie en société, réfléchissant idéologiquement le type, la structure, les objectifs et la composition sociale du groupe. *Les formules de la vie courante* font partie du milieu social, ce sont des éléments de la fête, des loisirs, des relations qui se nouent à l'hôtel, dans les ateliers, etc. Elles coïncident avec ce milieu, sont délimitées et déterminées par lui dans tous leurs aspects.

p. 139, destaqués meus

“Toute situation de la vie quotidienne possède un auditoire, dont l'organisation est bien précise, et dispose donc *d'un répertoire spécifique de petits genres appropriés*. Dans chaque cas, **le genre** s'adapte au sillon que la communication sociale paraît avoir tracé pour lui – et cela, pour autant qu'il représente le reflet idéologique du type, de la structure, du but et de la constitution propre aux rapports de communication sociale.

“*Le genre quotidien* est un élément du milieu social: qu'il s'agisse de la fête, des loisirs, des relations de salon, d'atelier, etc. Il coïncide avec ce milieu, il s'y trouve limité et il est aussi déterminé par lui en tous ses composants internes.

p. 291, destaqués meus